

Estudos calvinianos no Brasil: entrevista com Adriana Iozzi Klein

Maria Elisa Rodrigues Moreira¹

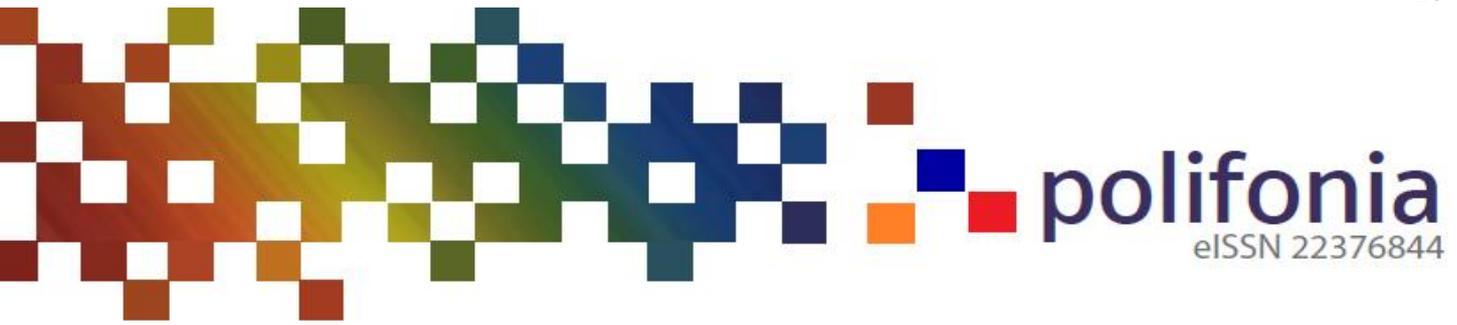
Bruna Fontes Ferraz²

Adriana Iozzi Klein é uma das pesquisadoras brasileiras que tem se dedicado, com maior constância, aos estudos calvinianos. Professora de Literatura Italiana do Departamento de Letras Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Cultura Italianas da Universidade de São Paulo (USP), seus estudos na área se iniciam ainda nos anos 1980, quando se gradua em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) e se especializa em Literatura Italiana pela Università degli Studi di Firenze, na Itália. No mestrado e no doutorado, defendidos respectivamente em 1998 e 2005, junto à Universidade de São Paulo, dedica-se especificamente à obra do escritor Italo Calvino, sobre quem desenvolve também pesquisas de pós-doutorado como bolsista CAPES, desta vez na Università di Bologna.

Adriana proferiu a conferência de abertura da *Jornada Virtual Italo Calvino: Linhas de Força*, realizada em 2020, e prontamente atendeu ao convite das organizadoras do evento e deste Dossiê, as professoras Maria Elisa Rodrigues Moreira e Bruna Fontes Ferraz, para essa entrevista, que certamente contribuirá bastante para uma sistematização dos estudos calvinianos no Brasil, percorrendo sua história e, também, apontando para os novos caminhos que se abrem àqueles interessados na produção do escritor italiano.

¹ Doutora em Literatura Comparada, Mestra em Teoria Literária e bacharel em Comunicação Social, pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal de Mato Grosso, onde desenvolve pós-doutoramento em Literatura Comparada como bolsista PNPd/CAPES. Autora dos livros *Saber narrativo: proposta para uma leitura de Italo Calvino* e *Coleção, arquivo, biblioteca: a literatura de Borges e Calvino*, ambos pela editora Tradição Planalto.

² Professora do Departamento de Linguagem e Tecnologia do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Doutora em Teoria da Literatura e Literatura Comparada e Mestra em Teoria Literária pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

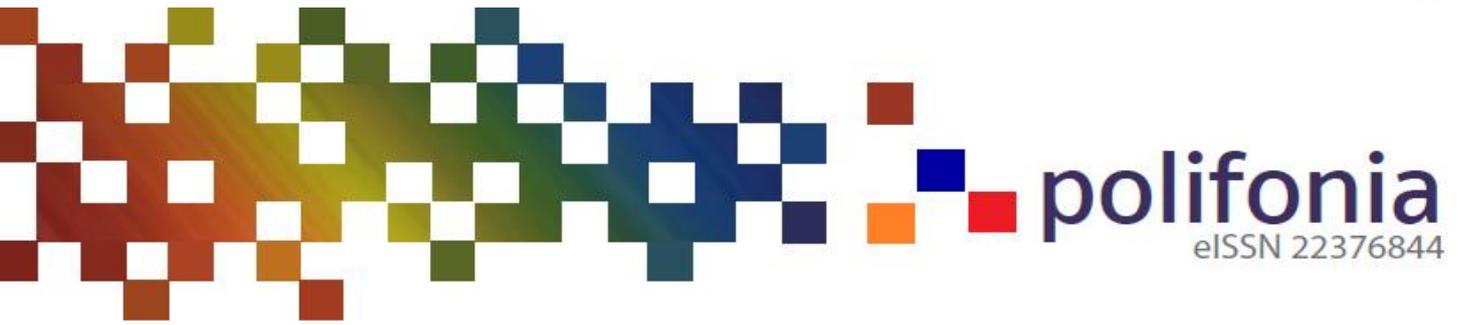


Este Dossiê contempla textos apresentados na Jornada Virtual Italo Calvino, realizada em 2020, que teve como temática algumas das “linhas de força” da produção calviniana, já estabelecidas pela crítica: a relação com o saber, a política e o lúdico. Que outras “linhas de força” você percebe nas pesquisas sobre Italo Calvino?

Fazendo um balanço dos estudos sobre Calvino, é possível afirmar que as investigações mais promissoras dos últimos anos são as que exploram um território fronteiriço entre a biografia e a literatura, com o auxílio de instrumentos de outras disciplinas, como as artes plásticas, as ciências em geral, a Filosofia e, especialmente, a Antropologia. Essa maneira de ler seus escritos é, ao mesmo tempo, mais interna a eles porque remonta às suas fontes, reconstruindo o clima intelectual no qual o autor estava inserido, e mais externa, porque atenta às influências recíprocas, aos panoramas culturais e à visão cronológica do conjunto de sua obra.

Lembro que o progresso dos estudos calvinianos vem incrementando o conhecimento também de aspectos da vida do autor até pouco tempo inacessíveis para a maioria dos pesquisadores, e esses novos dados, obtidos muitas vezes de arquivos pessoais e correspondências, oferecem aos estudiosos a possibilidade de ampliar os paralelos entre as dimensões das experiências vividas pelo escritor e seus processos de criação literária.

Importante ressaltar que não se trata de uma “linha de força” consolidada na crítica calviniana. De acordo com a opinião comum da crítica especializada, Calvino é um escritor avesso à introspecção, e o autobiografismo teria na sua obra um papel, senão irrelevante, pelo menos secundário em relação aos outros. Calvino é, de fato, um escritor pouco autobiográfico; ou melhor, é autobiográfico de maneira irregular, condicionada e ainda aparentemente desarticulada na visão da crítica. Os “pactos” que estabelece com os leitores para falar de si implicam sempre em reservas e limites, fazendo do seu um “memorialismo reticente”, para usar uma expressão do crítico Mario Barenghi, que julgo muito pertinente no caso de Calvino.

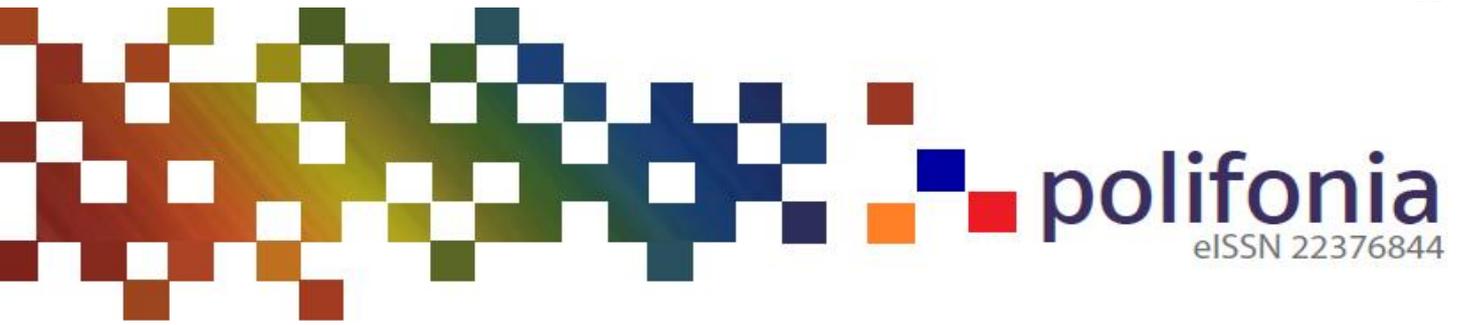


Na Itália, os estudos sobre as escritas de si, especialmente sobre a autobiografia, apresentaram nas últimas décadas um grande progresso, visto o número de congressos e publicações realizados no país. Estudos que discutem os gêneros autobiográficos, como os de Neuro Bonifazi (1986) e de Marziano Guglielminetti (2001), por exemplo, enfatizam os valores literários das obras estudadas mais do que as implicações gnoseológicas de inspiração pessoal. Também atento a esse tipo de abordagem teórica, Andrea Battistini (1990), embora proponha o exame somente de obras do passado, tem o mérito de mostrar como a pesquisa centrada na autobiografia pode reafirmar a sobrevivência do conceito de gênero literário. Por sua vez, com a ajuda das ideias de Lacan, Foucault e outros pensadores contemporâneos, vários outros estudiosos italianos demonstram que as autobiografias são textos que não falam de seu autor, mas do processo artístico que dá forma ao texto autobiográfico.

Embora Calvino não tenha publicado nenhuma autobiografia em sentido estrito, conforme teorizada por Philippe Lejeune, é provável que o autobiografismo nos termos apontados seja a marca de grande parte da prosa do escritor, articulado entre as páginas de seus ensaios, textos memorialísticos, correspondências, entrevistas, artigos de jornal, relatos de viagens, estudos de crítica e de teoria literária. É por essa confluência, cultivada pelo próprio autor, entre escrita criativa, reflexões críticas e propostas metodológicas que a vasta e variada produção de Calvino pode figurar como resultado exemplar de uma experiência literária contemporânea.

Relacionados todos esses elementos, pode-se dizer que a prosa autobiográfica do autor, dissimulada e variada, expande-se pelas diferentes formas e gêneros praticados por ele e é capaz, todavia, de ir muito além do dado pessoal. Calvino parte de si para selecionar, implicitamente, uma perspectiva ampla, coletiva, de época, na qual seria possível entrever os acontecimentos e os mecanismos de uma sociedade e de uma cultura em profunda transformação.

Seu interesse pela obra de Italo Calvino, entre outros escritores da literatura italiana, remonta há muitos anos, tendo sido Calvino seu objeto de pesquisa tanto no mestrado,



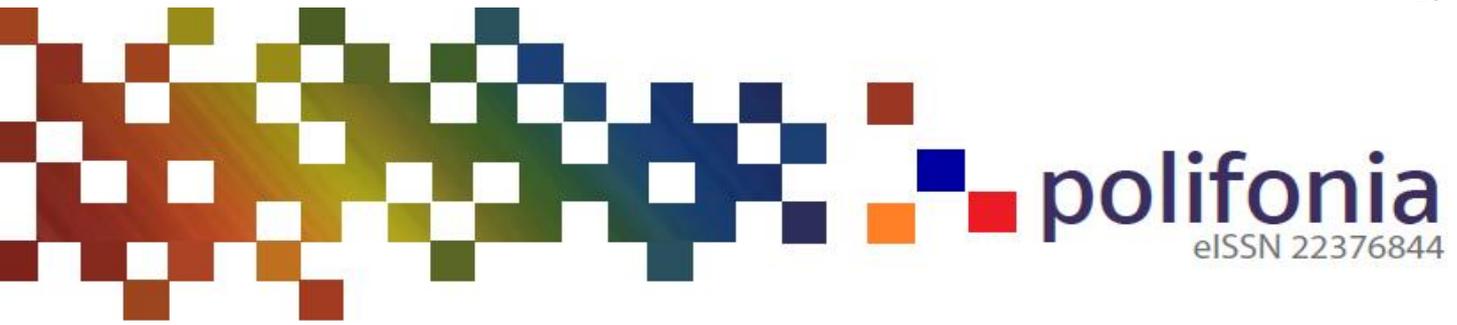
quando produziu a dissertação “A poética da reescritura: uma leitura pós-moderna de *Le città invisibili* de Italo Calvino”, quanto no doutorado, cuja pesquisa culminou com a tese “Calvino ensaísta: o percurso crítico de Italo Calvino em *Una pietra sopra* e *Collezione di sabbia*”. De que maneira suas pesquisas atuais, se o fazem, dialogam com a produção do escritor italiano?

Minha dissertação de mestrado, defendida em 1998, propunha uma leitura do livro *As cidades invisíveis*, que procurava apontar para um certo “clima” pós-moderno, instaurado na obra de Calvino a partir da década de sessenta. O intuito da pesquisa era, na verdade, demonstrar como um determinado ponto da obra do escritor colocava-se numa linha divisória entre a modernidade e a pós-modernidade, contribuindo para um debate acirrado na época.

Muitas das questões levantadas por Calvino nos anos 1960 e 1970 referem-se à metaficção contemporânea que, consciente de que a literatura deve questionar a partir de dentro por desconfiar da crítica exterior, incorpora o comentário crítico à sua própria estrutura, numa espécie de autolegitimação que abala o discurso crítico. Em *As cidades invisíveis*, os problemas relativos às formas narrativas, às estratégias de representação e à função da linguagem, entre outros aspectos, são discutidos por Calvino sistematicamente.

Assim, procurei demonstrar, ao longo daquele trabalho, que a presença da reescritura e da metaficção no processo de construção de *As cidades invisíveis* não só assinalava marcas formais do discurso pós-modernista na literatura, mas comprovava a coerência e importância do aspecto que Calvino desenvolveu ao máximo, e de forma muito peculiar, no âmbito da narrativa europeia contemporânea: a capacidade de experimentação e, conseqüentemente, constante renovação da matéria literária a partir de um projeto de releitura do passado e da tradição literária.

Em 2005 defendi, na Área de Teoria Literária e Literatura Comparada da USP, minha tese de doutorado, cujo enfoque foi o estudo crítico da produção ensaística de Calvino. A tese centrou-se na discussão teórica sobre o gênero ensaístico e na análise das coletâneas de ensaios

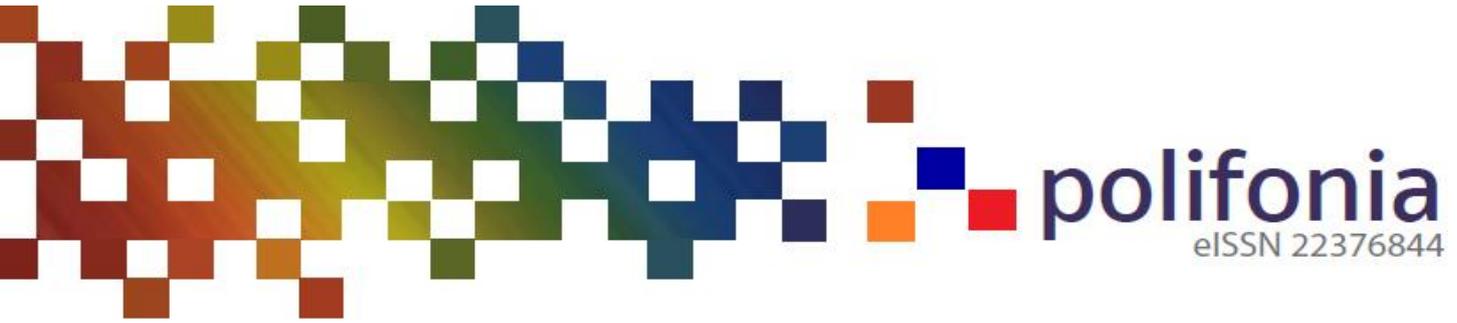


Assunto encerrado (1980) e *Coleção de areia* (1984), as duas únicas publicadas em vida pelo escritor, propondo um estudo até então inédito no Brasil.

Seguindo um percurso analítico sugerido pela própria estrutura das coletâneas, pretendi, na esteira apontada por Mario Barenghi, evidenciar por meio desses escritos a progressiva transformação do modo de pensar de Calvino, que passa de uma visão historicista e dialética a uma ótica antropológica e relativista. Se *Assunto encerrado* é uma espécie de “testemunho” do itinerário intelectual de Calvino, que atravessa na qualidade de protagonista vários momentos decisivos da cultura europeia, *Coleção de areia* imprime uma nova perspectiva, que a partir de um determinado ponto volta-se para a análise do fragmento, do detalhe minúsculo, levando-o, no plano da forma, à adoção de uma escritura cada vez mais provisória e imagética, tipicamente ensaística.

Calvino foi um escritor que praticou com frequência a atividade crítica, fruto da necessidade de fundamentar teoricamente sua produção literária, o que o induziu a envolver-se numa ampla discussão sobre a função da literatura e, por consequência, do literato, na sociedade europeia da segunda metade do século XX. Os fenômenos culturais interessaram o escritor da mesma forma que a literatura, por isso as ciências humanas, a linguística, a teoria da informação, os problemas do capitalismo maduro e das sociedades industriais avançadas estiveram no centro das suas reflexões e Calvino sempre deu a entender que a literatura deveria apropriar-se das novas formas de conhecimento. Tanto é que seus ensaios apresentam uma crítica aberta, nunca preocupada em fixar-se em uma forma ou em fechar-se em uma posição pré-concebida, o que explica seu experimentalismo e o fato de ter buscado continuamente novas soluções narrativas.

Investigando esses escritos, nota-se que o ensaio para Calvino não é necessariamente reflexão teórica; é também autobiografia, diário, comentário de leituras, descrição, impressões de viagens, formas que podem figurar entre determinadas definições do gênero na atualidade, conforme teoriza o crítico italiano Alfonso Berardinelli, num livro hoje referência para os estudos sobre a forma ensaística, *La forma del saggio* (2002). Em textos desse tipo, o autor muitas vezes recorre a uma instância diferencial de subjetivação do discurso para dar conta da

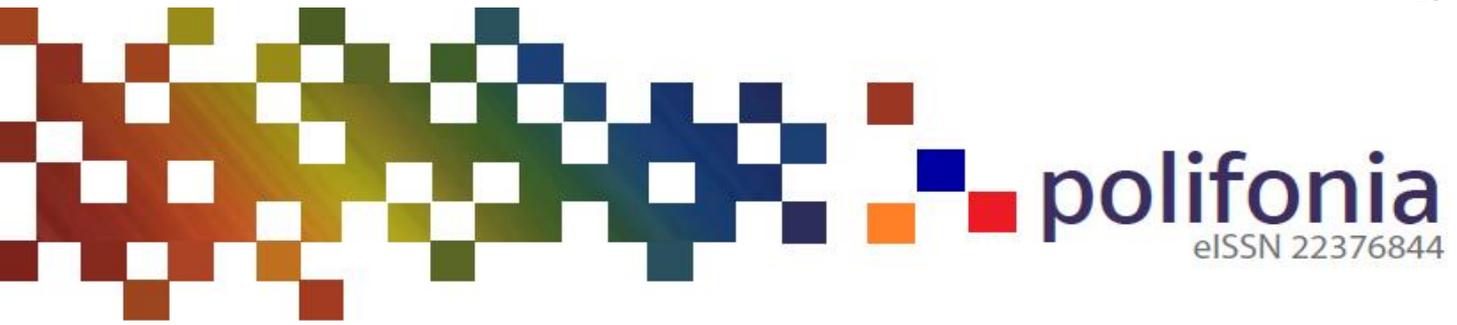


experiência que precede o ato da escritura, das inquietações que a motivam e das opções éticas, estéticas ou políticas que a fundamentam. Nesse sentido, é possível pensar, por um lado, que o testemunho pessoal que o escritor apresenta nos ensaios permite desdobrar um repertório de posicionamentos que confirmam, negam ou complementam aquilo que sua prosa ficcional oculta ou revela. Por outro, que o trânsito que essas escrituras realizam entre a ficção e o ensaio questiona as delimitações de gênero e explora as possibilidades da hibridiz discursiva. Nos estudos mais recentes sobre o ensaio, sobretudo aqueles de escritores, a questão problemática do sujeito, do “eu”, não necessariamente em primeira pessoa, que toma lugar na enunciação como posição discursiva e pensante, mostra-se de extrema relevância, e não é por acaso que as origens do ensaio se confundem com o próprio nascimento da subjetividade moderna.

Esses estudos desenvolvidos nos últimos anos ofereceram-me subsídios para iniciar uma nova etapa da pesquisa dirigida para a análise integral da produção não ficcional de Calvino e para o estudo das formas mistas e dos gêneros literários híbridos, especificamente de textos situados em uma fronteira difusa entre a ficção, o ensaio e a autobiografia, que incorporam reflexões de teoria e crítica literárias e cujas particularidades e estratégias discursivas se relacionam com a tradição da metaficção.

Investigando a produção de cunho mais autobiográfico de Calvino, espero encontrar parâmetros para poder avaliar sua contribuição à história e à teoria das escrituras de si, permitindo traçar um percurso que visa iluminar momentos e perspectivas críticas decisivas para a configuração das formas narrativas na atualidade, reformulando o campo discursivo da autobiografia e deslocando seus limites com relação a outras modalidades que podem assumir a narrativa de vida nos séculos XX e XXI.

Para Calvino, “A realidade do mundo se apresenta a nossos olhos múltipla, espinhosa, com estratos densamente sobrepostos. Como uma alcachofra.” (*Por que ler os clássicos*, p. 205). A seu ver, qual seria a relação entre realidade e literatura? Haveria uma conexão entre elas ou uma prescindiria da outra?



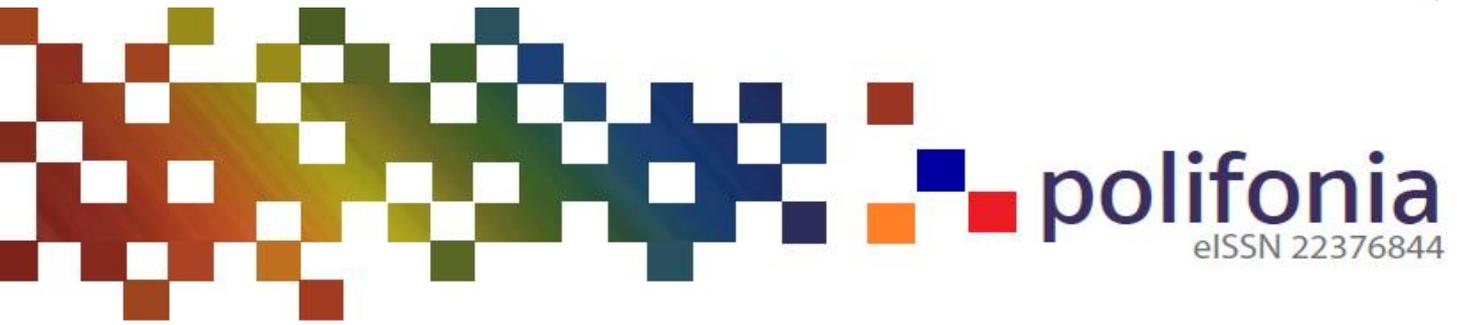
Um livro, na concepção de Calvino, precisa apresentar um projeto de construção, sugerindo ao leitor um enredo, um itinerário, uma possibilidade de solução e, mesmo não sendo um romance na sua acepção tradicional, deve ter um princípio e um fim, configurando-se como um “espaço no qual o leitor deve entrar, girar, talvez perder-se, mas a um certo ponto, encontrar uma saída, talvez várias saídas”.

Já em suas primeiras reflexões teóricas, a literatura era definida como um desafio ao labirinto, e a escritura, como um meio para dominar a complexidade do real; as imagens se refletem e se combinam de forma infinita, competindo ao escritor organizá-las com rigor e método.

Para ele, o lugar da multiplicidade das coisas possíveis é, portanto, o texto literário. De fato, projeto, multiplicidade, possibilidades combinatórias, geometria e jogo são as palavras-chave para a compreensão do trabalho literário de Calvino. Uma das metáforas mais recorrentes em sua obra, encontrada principalmente nos livros da fase semiológica, é a do jogo (jogo combinatório). Na verdade, a lei metafórica do jogo organiza quase toda a produção do escritor tanto no aspecto temático quanto no formal, no âmbito da estrutura e da linguagem. O interesse maior desses livros, entretanto, concentra-se principalmente no tratamento dado à estrutura narrativa, que expressa uma espécie de filosofia do autor, e a forma poliédrica e multifacetada da sua visão da realidade.

A discussão sobre quais seriam as funções da literatura em relação à realidade é controversa e vem de longa data. Viktor Chklóvski, por exemplo, um dos maiores expoentes do formalismo russo e que dedicou a maior parte de seus estudos ao estranhamento, sustentava que a arte (e, por extensão, a literatura), teria como função principal perturbar o fruidor a ponto de fazê-lo mudar seu ponto de vista sobre a realidade, dissuadindo-o daquela que ele considerava como uma espécie de ditadura do hábito.

Trata-se, como sabemos, de uma questão bastante complexa e qualquer resposta apressada de minha parte poderia soar simplista aqui neste contexto. De qualquer maneira, grosso modo, diria que é preciso reconhecer na literatura um papel central em relação às outras



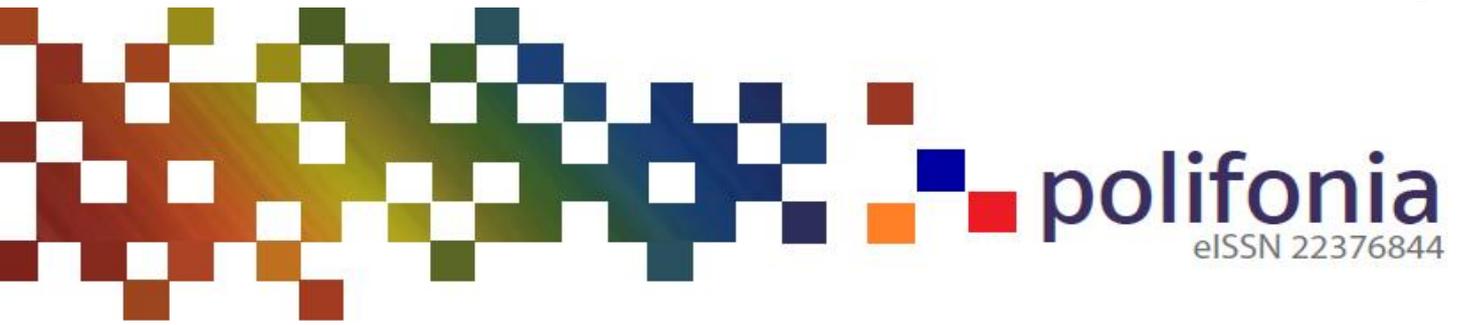
artes, ou seja, aquele de saber “narrar” de diferentes formas o mundo e tudo aquilo a ele relacionado.

É claro que a literatura só consegue apresentar resultados de fato significativos se for capaz de resguardar sua autonomia, mas ela também deve propor-se como um espaço de diálogo e confronto entre diferentes saberes, sem necessariamente fechar-se sobre si mesma e renunciar à tarefa de interpretar o real. A meu ver, e concordando com Calvino, a relação entre realidade e sua representação literária se pauta numa concepção estética que vê a literatura não como fechamento, estruturação e esquematização do real, e sim como uma espécie de analogia, que não é uma réplica, mas acentuação e aprofundamento da complexidade e multiplicidade do mundo.

Em *Por que ler os clássicos*, são reunidos ensaios sobre os escritores, poetas e cientistas que mais impactaram Calvino. Quem são os seus clássicos, Adriana? Aqueles volumes que integram sua biblioteca ideal? E, para você, por que eles devem ser lidos?

No ensaio que abre a coletânea *Por que ler os clássicos*, Calvino, na conclusão, propõe de forma divertida a criação de uma biblioteca ideal para cada um de nós, formada por duas metades distintas: a primeira com os livros que já lemos e que nos marcaram, a outra, composta por livros que pretendemos ler e imaginamos que possam nos impactar, sem deixar de prever também algum espaço para abrigar as surpresas ocasionais.

A minha biblioteca, no entanto, seria mais ou menos como a biblioteca de Babel, de Jorge Luis Borges, um labirinto que contém a maravilha de todos os livros possíveis e que, ao mesmo tempo, leva à triste e irremediável constatação de que uma única vida não bastaria para explorar nem uma mínima parte desse edifício. Brincando mais um pouco com essa imagem, lembro que o problema da biblioteca borgiana é que ela é também a representação do universo antes da ação ordenadora do demiurgo e, por isso, o caos reina soberano ali. Naquela, como na minha, não existe um sistema de regras que permita algumas combinações ou proíba outras



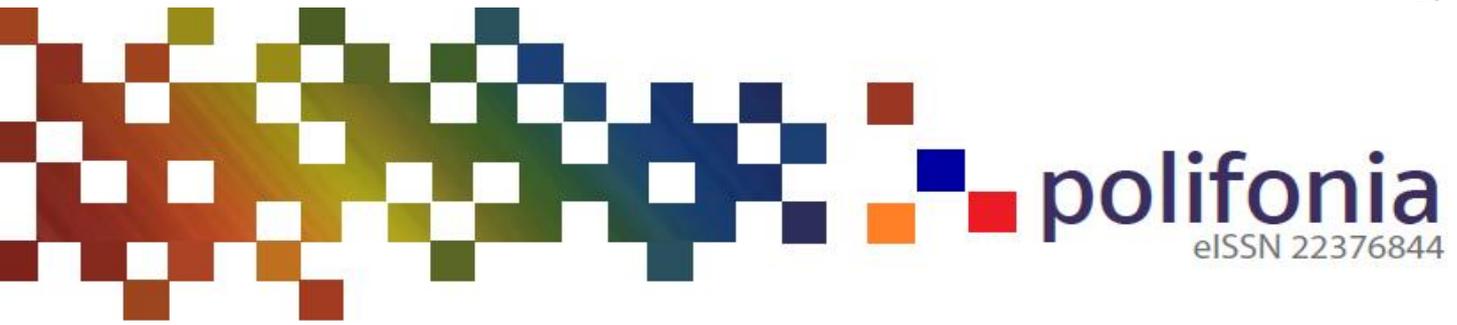
mas, mesmo assim, espero que o resultado de sua existência não seja, como em Borges, a pura ausência de sentido.

Entre meus clássicos preferidos, sem respeitar aqui nenhuma ordem ou hierarquia, figuram nomes como o próprio Borges, Cortázar, Machado de Assis, Graciliano Ramos, Mario de Andrade, Guimarães Rosa, Cruz e Sousa, Murilo Mendes, Kafka, Dostoiévski, Gógol, Tolstoi, Emily Brontë, Sterne, Laclos, Maupassant, Montaigne, Goethe, Oscar Wilde, Allan Poe, Stendhal, Flaubert, Camus, Faulkner, Joyce, George Orwel, Valéry, Mallarmé, muitos malditos franceses, começando por Baudelaire e passando por Huysmans, Villiers de L'isle-Adam até Lautréamont. Na lista dos italianos, aparecem alguns mais ou menos obrigatórios, como Boccaccio, Marco Polo, Ariosto, Leopardi, Manzoni, Pirandello, Svevo, Palazzeschi, Moravia, Pavese, Vittorini, Carlo Levi, Montale, Saba, Savinio, Buzzati, Tomasi di Lampedusa, entre tantos outros.

Há, contudo, um autor que gostaria de citar particularmente e que me atrai cada vez mais: Carlo Emilio Gadda. Escritor lírico e tragicômico, obcecado por uma pesquisa linguística das mais originais e pela exploração de um tema fundamental na sua obra: a representação e a análise da desordem do mundo e da sua inexplicável e universal desarmonia. Seu livro *O conhecimento da dor*, publicado em 1963, está entre as obras mais arrebatadoras da literatura italiana do século XX.

São todos clássicos que vagam pelo tempo e continuam a dialogar conosco e com a nossa vida presente, nos fazendo perguntas, nos dando respostas e nos aguçando a sensibilidade e a mente. Os motivos para lê-los são incontáveis e variados, mas como diria ironicamente Calvino, os clássicos não devem ser lidos porque “servem” para alguma coisa: “A única razão que se pode apresentar é que ler os clássicos é melhor do que não ler os clássicos”.

A obra de Italo Calvino começa a ser traduzida no Brasil, com certa continuidade, nos anos 1990, abarcando inicialmente as produções ficcionais. Você poderia traçar um panorama histórico a respeito da recepção crítica da produção de Italo Calvino no Brasil desde então? E hoje, como você percebe a recepção da obra de Italo Calvino, tanto pelo

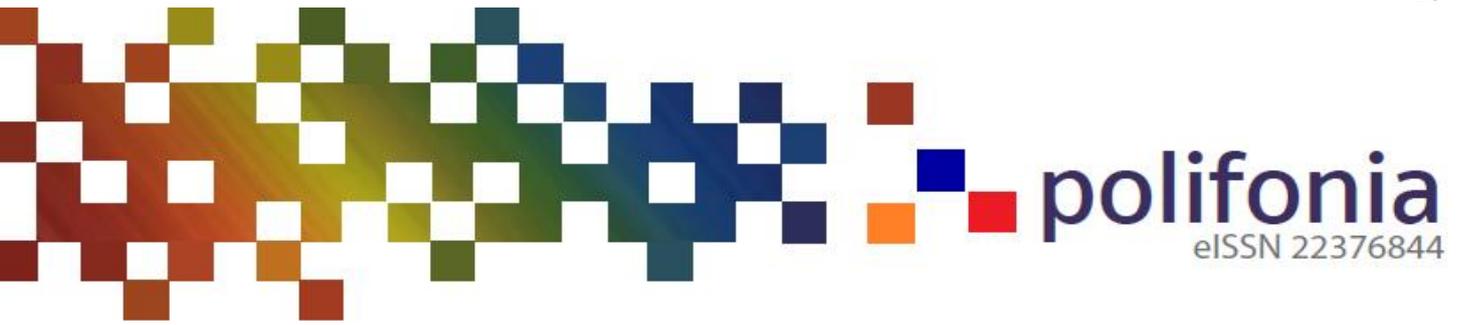


público leitor quanto por pesquisadores universitários? Existem distintas perspectivas de abordagem?

Italo Calvino é ainda um dos escritores italianos mais conhecidos no Brasil. Sobretudo nas últimas décadas, suas obras estiveram no centro de diversas iniciativas editoriais que tornaram disponíveis ao leitor brasileiro quase toda sua produção, dos romances às fábulas, ensaios e cartas. A fortuna de Calvino no Brasil e a sua recepção constituem um capítulo interessante da história da tradução e da recepção da literatura italiana, mas se trata de um caso complexo, cuja resposta demandaria um exame minucioso, difícil de ser sintetizado no espaço desta entrevista, e que exigiria a análise de um panorama literário e cultural brasileiro e mundial dos últimos quarenta anos. O estudo da recepção de Calvino no Brasil nos permitiria percorrer não somente etapas fundamentais da história cultural brasileira, mas também ver como a poética proteiforme de Calvino foi retomada e valorizada pelos críticos, tradutores, escritores e leitores brasileiros de diferentes formas.

De um modo geral, quem estuda a fortuna crítica de Italo Calvino normalmente depara-se com um grande desafio, que é aquele de examinar o enorme volume de estudos desenvolvidos sobre os mais variados aspectos da obra do escritor. Há várias décadas, Calvino é um dos autores do século XX mais estudados na Itália; no exterior, é um dos mais estudados de toda a literatura italiana, até mesmo mais do que Dante Alighieri. A partir de sua morte, em 1985, Calvino transforma-se em uma espécie de símbolo da literatura contemporânea e, desde então, proliferam estudos específicos sobre sua obra, que é difundida em todo o mundo. Entre seus livros publicados postumamente, aquele sobre o qual mais se fala é *Seis propostas para o próximo milênio* (1988), considerado como uma espécie de testamento literário do autor.

No mundo todo, como já disse, Calvino é nomeado e citado como poucos escritores. Sua obra parece inserida numa espécie de “vulgata”, para usar uma expressão do crítico italiano Giorgio Bertone, e muitas vezes é utilizada como repertório de citações quase proverbiais e laboratório de exercícios literários e culturais.

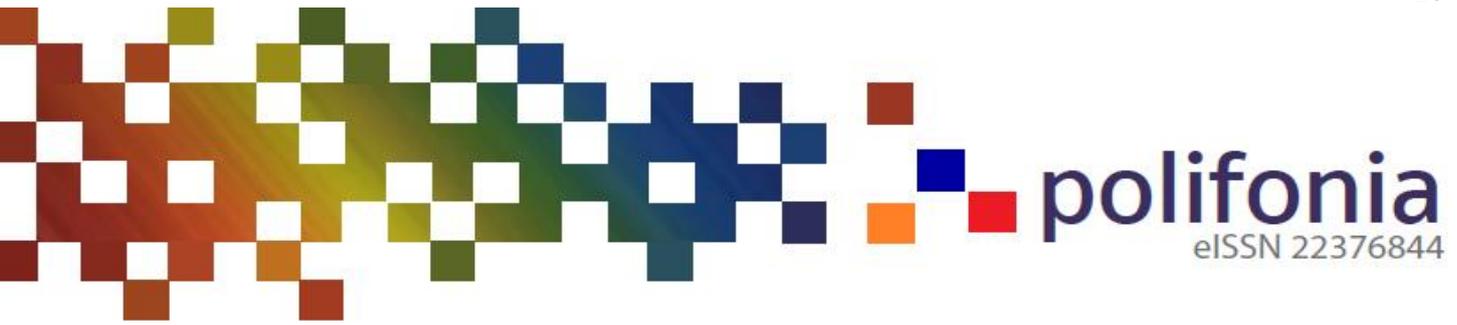


Calvino é, recorro mais uma vez, um dos poucos escritores italianos contemporâneos que possui uma vultuosa fortuna crítica no exterior. No que se refere às formas de ler a sua obra, observamos que a crítica em língua inglesa, principalmente a norte-americana, quase sempre se concentra na produção literária de *As cosmicômicas* em diante — marcada pelo hibridismo dos códigos narrativos — e o embasamento teórico mais comum por vários anos foram os conceitos de pós-modernismo e de desconstrutivismo. Situação análoga ocorre também na França, onde a colaboração de Calvino no grupo OULIPO deixou uma importante marca. Naquele país, o estruturalismo e a literatura combinatória tiveram um papel relevante na análise da obra do escritor.

No Brasil, os estudos específicos sobre a obra de Calvino não são tão abundantes, mas vêm aumentando de forma gradual, principalmente com o incremento das traduções. Até o início dos anos 2000 eram, na maioria, trabalhos acadêmicos que analisavam, principalmente, a narrativa calviniana, seguindo um pouco a tendência dos estudos norte-americanos, com ênfase nas abordagens da estética da recepção, da semiótica e das teorias da leitura. Em relação às coletâneas de ensaios, somente os últimos livros publicados receberam a atenção da crítica brasileira. Enquanto livros como *Seis propostas para o próximo milênio* e *Por que ler os clássicos* tornaram-se uma espécie de referência genérica para vários estudos de crítica literária no Brasil, volumes como *Assunto encerrado* e *Coleção de areia* ficavam mais restritos às esferas dos estudos de italianística, principalmente por não terem sido traduzidos para o português até então.

O fato é que a disponibilidade das obras em tradução nos últimos anos tem proporcionado progressos nos estudos sobre o escritor e levado, inclusive, ao desenvolvimento de pesquisas de temas restritos e periféricos de sua obra, apontando para um redimensionamento dos estudos calvinianos no Brasil.

De uns anos para cá, vemos o surgimento de trabalhos que propõem diferentes abordagens da obra do escritor, atentos, por exemplo, à análise dos diálogos de Calvino com autores com os quais se relacionou em tempos diversos ou aos temas do seu imaginário. Relacionando literatura e antropologia, temos também estudos que aprofundam a investigação



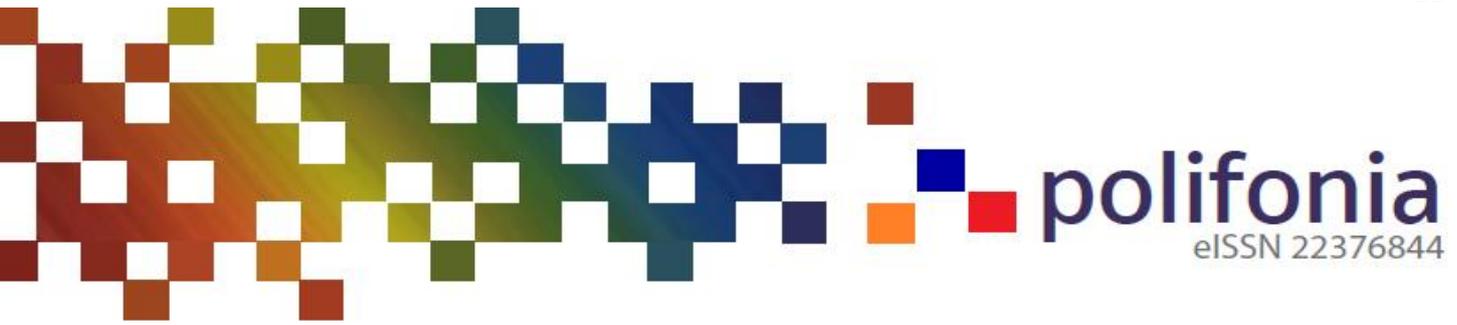
de uma questão central em sua obra, ou seja, a relação entre indivíduo, natureza e história, e que se inserem na tendência atual dos estudos calvinianos de avaliar a importância que os problemas ambientais e ecológicos decorrentes do desenvolvimento das sociedades industriais exercem na produção literária e ensaística do escritor. Trata-se de pesquisas relevantes para os estudos sobre a denominada terceira fase da obra de Calvino, que têm como intento mostrar a contribuição crítico-teórica do escritor para a narrativa contemporânea, inclusive no âmbito da ecocrítica.

A posição de prestígio que grande parte dos pesquisadores atribui a Calvino depende de inúmeros fatores, mas está ligada sobretudo à sua peculiaridade estilística, que trabalha com uma língua intermediária e maleável, mas carregada de expressividade, concretude e precisão. Também a capacidade de experimentação e a grande abertura cultural, aliadas a uma forte consciência da peculiaridade da literatura e de sua tarefa no mundo, fazem com que muitos estudiosos e leitores continuem a se interessar por sua obra.

Calvino, não podemos esquecer, estabeleceu durante toda sua carreira um diálogo constante com seu público leitor, inclusive os leitores mais jovens. Sua longa experiência profissional no campo da editoria é prova da sua crença na capacidade de comunicação e de proposição da literatura.

Quanto aos novos leitores brasileiros, a julgar pela experiência com os alunos dos cursos de Letras, parece-me que parte desse interesse esteja também ligada ao fato de que eles conseguem se reconhecer na língua clara e veloz de Calvino, no seu modo às vezes surreal e fragmentado de narrar, no seu pensamento intelectual, na sua capacidade de raciocínio e de sensibilidade estética. Mas Calvino é também um fenômeno de moda, uma espécie de símbolo da condição pós-industrial e pós-materialista e é considerado por alguns leitores como fonte de alimento espiritual e estímulo para reflexões sobre a vida e a sociedade que nos circunda.

Em 24 de novembro de 1967, Italo Calvino respondeu à enquete aberta por Gian Carlo Ferreti sobre o tema: “Para quem se escreve um romance? Para quem se escreve uma poesia?”. Pensar nesse leitor foi tarefa empreendida cuidadosamente pelo escritor italiano



que lhe dedica todo um romance. No cenário brasileiro atual, onde os livros são ameaçados de serem tributados, e considerando a perda de leitores literários, adaptamos a pergunta da enquete de Ferreti e a passamos para você, Adriana: para quem se escreve literatura hoje no Brasil?

Não sei se teria competência para fazer uma avaliação consistente a propósito de quem seria hoje o público leitor ideal do ponto de vista do mercado editorial brasileiro, mas diria que aqui também vivemos em tempos de globalização.

A partir dos anos 1980, a situação do mercado editorial mudou no mundo todo em decorrência da globalização da indústria da comunicação. Entre as consequências mais evidentes desse processo, vemos a existência de uma polarização ocorrida na indústria editorial: de um lado, a concentração da produção de livros nas mãos de grandes editores, porta-vozes de ideologias e concepções de literatura bem definidas, e, de outro, a proliferação de pequenos editores, cuja estratégia editorial muitas vezes está voltada para a venda imediata do produto, vista quase sempre como principal critério de escolha dos livros a serem publicados. Nesse quadro, observa-se o estabelecimento de uma tendência a anular as distinções entre literatura alta e baixa. Tais classificações podem ainda ser válidas para leitores e editores, mas a verdade é que, em meio à avalanche de títulos desconhecidos que chegam ao mercado, propostos inclusive por pequenos editores, torna-se quase impossível orientar-se.

No que se refere ao Brasil, parece-me que a situação é muito semelhante àquela do resto do mundo, ou seja, os livros mais vendidos são sempre aqueles mais globais.